

Erro que se repete

JORNAL DE BRASÍLIA

18 JUL 1989

Nélio Lima

Eleição presidencial

A lição não foi aprendida. No processo de passagem do governo militar para o Governo Civil, em 84, o paciente trabalho de articulação do mineiro Tancredo Neves só teve uma falha. Aliás, fatal. Foi o pouco cuidado com a escolha do candidato a vice. As condições eram peculiares e impunham a aceitação de um vice do PFL ou do PDS. Mas, até onde se sabe, o nome de José Sarney não aparecia entre os primeiros. O resultado do descuido está sendo chorado até hoje.

Agora, nesta primeira eleição sem Colégio Eleitoral, os candidatos insistem no erro. Basta analisar as escolhas já feitas. O líder nas pesquisas, Fernando Collor, considerado de direita, chamou o mineiro Itamar Franco, de centro-esquerda. Imagine-se a hipótese de, um dia, Collor ter que passar o cargo de presidente da República às mãos de Itamar. Outro candidato direitista, Ronaldo Caiado, acaba de escolher Camilo Calazans para companheiro de chapa. Calazans se autodefine como homem de esquerda e aspira a ser o candidato a vice de Mário Covas.

As comparações podem ir mais longe. Tome-se o caso de Ulysses Guimarães. Seu candidato a vice é Waldyr Pires. Ideologicamente, os dois estão a quilômetros de distância um do outro. A última coisa que Ulysses gostaria de ver seria Pi-

res assumindo o cargo de presidente da República. O caso de Mário Covas é ainda mais gritante. Sendo de centro-esquerda, acabou se fixando num homem marcadamente de direita, Roberto Magalhães, para apaciar as apreensões dos empresários em relação à sua candidatura.

As escolhas feitas por Aureliano Chaves (Cláudio Lembo, imposto por Jânio), Affonso Camargo (José Roberto Faria Lima) e Paulo Maluf (Bonifácio de Andrada) foram relativamente coerentes. Mas o centro-direitista Afif Domingos vai disputar a eleição ao lado de um centro-esquerdista (Aluísio Pimenta). O ex-radical de esquerda Leonel Brizola aliou-se ao peemedebista Fernando Lyra, ex-ministro do Governo Sarney. Depois disso, nem é de estranhar que o radical de esquerda Luiz Inácio Lula da Silva desse as mãos ao ex-juiz de Direito e peemedebista José Paulo Bisol, de curta passagem pelo PSDB. O que é de pasmar é que a aliança tenha sido feita exatamente para retirar da chapa de Lula qualquer caracterização ideológica mais nítida.

A prática política mostra que no Brasil o vice é mero apêndice — espécie de penduricalho constitucional inútil. Ninguém dá importância a ele, a não ser nas horas de crise. E quando aparece alguém perguntando se ele deve ou não assumir.